

ULISSES CUIABANO

Lídio Modesto da Silva

Nascido em Cuiabá, era filho do Major-honorário João Luís Pereira e de Maria Luiza Pereira Cuiabano, representando Ulisses Cuiabano um marco no contexto cultural de Mato Grosso, especialmente nas áreas históricas e literárias.

Seus estudos tiveram início na cidade verde, bacharelando-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, primeiro estabelecimento público de ensino secundário, criado em dezembro de 1879 e inaugurado no início de 1880.

Optou pela carreira do magistério, tendo atuado como professor junto a vários estabelecimentos de ensino. Foi também Diretor dos grupos escolares de Rosário Oeste e o "Senador Azeredo" de Cuiabá.

Além da atividade magisterial, Ulisses Cuiabano teve uma participação expressiva junto a vários periódicos mato-grossenses: *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Neophito*, *A Reação*, *A Violeta* e muitos outros.

Pertenceu às duas mais importantes e tradicionais instituições culturais de Mato Grosso, o antigo Centro Matogrossense de Letras, hoje Academia Mato-Grossense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, tendo sido, de ambas, um dos mais antigos membros. Seu ingresso junto à Academia Matogrossense de Letras se deu nos primórdios dessa Instituição, mais precisamente, em 5 de junho de 1921, momento da criação do Centro Matogrossense de Letras, tendo integrado os 12 sócios efetivos. Seu nome foi proposto pelo sócio fundador, Estêvão de Mendonça.

Suas lides magisteriais fê-lo mudar-se, de Cuiabá, para a antiga freguesia de Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje Santo Antônio do Leverger, onde viveu temporariamente, afastando-se temporariamente dessas das duas instituições. De volta a Cuiabá, Ulisses Cuiabano candidatou-se, novamente, à Academia Matogrossense de Letras, possivelmente na década de 40, vindo a ocupar a Cadeira nº 20, mais tarde transformada na de nº 16, atualmente em vigor. Na ocasião, assim se expressou Ulisses:

É verdade que a minha presença nesta Casa não constitui uma novidade, pois já havia eu sido eleito para uma das cátedras do então Centro Matogrossense de Letras, que, depois se transformou nesta Academia: não tomei posse, porém, do lugar que me fora merecidamente ofertado, e passei, por força dispositiva dos nossos estatutos, para a categoria de sócio correspondente. Nesta qualidade tenho contribuído, apesar de parcamente com os meus pobres trabalhos para a elaboração da esplêndida Revista, editada por este instituto da cultura matogrossense.

Ulisses Cuiabano teve uma intensa atuação junto à Academia Matogrossense de Letras que, a 26 de abril de 1951, emitiu um voto de pesar pelo seu falecimento.

Na categoria de literato e poeta, Ulisses Cuiabano deixou-nos expressiva produção:

Os Bacuraus (1923) / A queda (1923) / O Cruzeiro do Sul: miragem (1941) / Impressões de leitura (1941) / No álbum de Verinha (1939) / Vilancete (1932) / Cipreste (1922) / A cigarra (1924) / Velha aroeira (1930) / Ocaso (1935) / Carlos Gomes (1937) / Novos bandeirantes (1937) / O poeta das ilusões (1938) / Meu amado Brasil (1944) / Velho farol (1948) / Manhã em Corumbá (1948) / Pedro Trouy e sua obra poética (1929)

Discurso de recepção ao acadêmico Raimundo Maranhão (1947) Discurso de recepção ao acadêmico Rubens de Mendonça (1944)

Discurso ao arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa pelo jubileu episcopal.

Francisco Ferreira Mendes, em discurso de recepção a Ulisses Cuiabano, enaltece a beleza de sua poética:

Deixai-me, porém, manifestar uma opinião - as vossas produções, têm um colorido vivo, que realça, que entusiasma, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo matogrossense.

É que tivestes, contato direto com o sertão de nossa terra, e essa influência, agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, à sombra gasalhosa dos timboais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênio do ar, umidecido com o sereno, fecundo pelas essências balsâmicas, que se volatizam das mimosas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, somente elas na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações.

E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente, aqueles quadros tão originais dos sertões matogrossenses, quando a 'hevea-brasiliensis', então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência - o entrecruzar nas campinas viridentes, nas várzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangidos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens, deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

(...) Apesar deste acerto, oiçamos o poeta, numa das suas produções, conhecidas pela sua original imagem, que foi motivo de intensa polêmica, quando, com Alcindo de Camargo, Cesário Neto e José Dias de Barros, sustentávamos pelas colunas do periódico 'A Cidade', em 1924, a defesa das instituições jornalísticas em nossa capital, fugindo às lides da política que então, quase que somente proporcionavam motivos para as pugnas da imprensa indígena:

OS BACURAUS

*Bacuraus que adejais pela tardinha,
Aos zigue-zagues pelo espaço a fora,
O vosso vôo incerto me apavora,
Pois me traz à lembrança a sorte minha,*

*Com a volúvel, tortuosa linha
Que traçais pelo espaço, nesta hora,
Assim, minha alma tristorosa, chora,
Para ao depois sorrir, a pobrezinha.*

*E como vós, que andais cruzando os ares,
Em rápidos volteios singulares,
A palidez marmórea do sol posto,*

*Minha alma vaga assim, triste, erradia,
Ora presa nas fimbrias da alegria,
Ora envolta nos véus de atroz desgosto.*

BIBLIOGRAFIA

- MENDONÇA, Rubens de. *Antologia Borôro*. (Estante Mato-Grossense, v. 4). Cuiabá, 1946.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá. CCS, 1992.
- VARJÃO, Valdon. Cadeira nº 16. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Comemorativa ao Jubileu de Diamante. p. 157-166.